

Alquimias do Parentesco

casas, famílias, papéis,
pessoas e territórios

UMA NOVA ETAPA

Seguindo a proposta de experiências etnográficas inovadoras do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da USP – LabNAU –, a Coleção Antropologia Hoje, que já publicou mais de 30 títulos com a Editora Terceiro Nome, estabelece uma nova parceria com a Editora Gramma. Com esta iniciativa, pretendemos dar continuidade ao já reconhecido trabalho da Terceiro Nome apostando, agora, em um novo modelo editorial que alia qualidade, sustentabilidade e baixo custo. O experimento que propomos é a edição, a um só tempo, de textos na forma de e-book e de impressão em papel sob demanda, democratizando assim as possibilidades de publicação tanto para jovens autores como para renomados pesquisadores. Por meio desta nova parceria, levaremos adiante o projeto da Antropologia Hoje de divulgação de trabalhos, ensaios e resultados de pesquisas etnográficas inéditas na nossa área de trabalho e reflexão. A participação da Gramma na Coleção junto com o NAU e a Terceiro Nome coincide com a ampliação e diversificação do Conselho Editorial, incluindo pesquisadores de diferentes instituições e regiões brasileiras.

Conselho Editorial José Guilherme Cantor Magnani (diretor) – NAU-USP

Luis Felipe Kojima Hirano (coordenador) – UFG

Cláudia Fonseca – UFRGS

Deise Lucy Montardo – UFAM

Elisete Schwade – UFRN

Luiz Henrique de Toledo – UFSCar

Renata Menezes – MN-UFRJ

Ronaldo de Almeida – UNICAMP/CEBRAP

Ana Claudia Duarte Rocha Marques
Natacha Simeil Leal
orgs.

Alquimias do Parentesco

casas, famílias, papéis,
pessoas e territórios

TI TERCEIRO NOME

gramma

© Ana Claudia Duarte Rocha Marques e Natacha Simei Leal

Gamma Editora

Editor: Douglas Evangelista

Supervisão Editorial: Gisele Moreira

Coordenação Editorial: Mariana Teixeira

Revisão de Arquivos: Daiane Jardim

Revisão de Provas: Daniele Lippert

Diagramação: Victor Mayrinck / Ciclo estúdio

Capa: Paulo Vermelho

Acompanhamento Gráfico: Evelyn Costa

C458 Alquimias do parentesco : casas, gentes, papéis, territórios /
coordenação [de] Ana Claudia Marques , Natacha Simei Leal. –
Rio de Janeiro: Gamma, 20186.
378 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-5968-548-0

1. Parentesco. 2. Genealogia. 3. Usos e costumes. 4. Estrutura
social. 5. Relações com a família. 6. Ajustamento Social. I. Marques,
Ana Claudia, coord. II. Leal, Natacha Simei, coord. III. Título.

CDD 306.83

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editora Terceiro Nome

Rua Cayowaá, 895, Perdizes

CEP.: 05.018-001 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3816 -0333

www.terceironome.com.br

Gamma Editora

Rua da Quitanda, nº 67, sala 301

CEP.: 20.011-030 – Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 2224-1469

www.gamma.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,
constitui violação de direitos autorais (Lei nº 9.610/1998).

Epígrafe

Há frases assim felizes. Nascem modestamente, como a gente pobre; quando menos pensam, estão governando o mundo, à semelhança das ideias. As próprias ideias nem sempre conservam o nome do pai; muitas aparecem órfãs, nascidas de nada e de ninguém. Cada um pega delas, verte-as como pode, e vai levá-las à feira, onde todos as têm por suas.

Machado de Assis

AGRADECIMENTOS

Assim como às jovens antropólogas, autoras dos belíssimos textos aqui apresentados, agradecemos em primeira mão aos demais colegas do Hybris, Bruno Martins Moraes, Carlos Filadelfo de Aquino, Jacqueline Ferraz de Lima e Nicolau Dela Bandera Arco Netto, que conosco também participaram do workshop “Cosmopolíticas de Família”, ocorrido em junho de 2016 na Universidade Federal de São Carlos, quando debatemos, intensamente, os textos aqui reunidos. A Jorge Mattar Villela, agradecemos pelas sugestões ao longo de todo o processo de organização, escrita e edição do livro e pela leitura criteriosa da introdução, que foi também objeto de discussões intensas e preciosas sugestões entre os demais pesquisadores do Hybris. A Natália Guerrero e Karina Coelho, que chegaram mais tarde, mas logo somaram entusiasmo ao projeto. A Clarissa Martins devemos agradecimento especial pela tenacidade com que acompanhou várias das versões das reescritas de nosso texto de abertura a esta coletânea.

À Fapesp agradecemos o auxílio à pesquisa (processo 2016/19755-0) em benefício do projeto coletivo que nos tem permitido levar adiante nossos trabalhos em conjunto, de que este livro é um resultado. Assim como o CNPq, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ao Departamento de Antropologia e ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo

somos gratas pelo apoio financeiro ao workshop em São Carlos e pelo financiamento à edição deste livro. E, principalmente pelo incentivo que souberam nos dirigir como chefe de departamento e coordenadoras do PPGAS/USP, às professoras Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer, Fernanda Peixoto e Heloísa Buarque de Almeida. Em São Carlos desfrutamos do apoio material e estrutural, do estímulo e acolhida que propiciaram os melhores resultados daquele encontro. Através de Catarina Morawska e Geraldo Andrello, agradecemos a todos os professores e funcionários daquele Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Para concluir, queremos mencionar os professores José Guilherme Magnani e Luis Felipe Hirano, assim como toda a equipe editorial da Gramma, por aceitarem com entusiasmo a proposta do livro, e a professora Marcela Coelho, que generosamente aceitou nosso convite para apresentação do livro.

SOBRE AS AUTORAS

Alessandra Regina dos Santos é mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos. É pesquisadora associada do Laboratório de Experimentações Etnográficas (LE-E/UFSCar). Atualmente, desenvolve pesquisa de doutorado em que busca refletir sobre a coprodução de conhecimentos e mapeamentos por cientistas, ambientalistas e coletivos autodenominados quilombolas visando à implementação de ações de gestão ambiental e efetivação de direitos territoriais na região do médio Vale do Ribeira (SP).

Ana Claudia Marques é professora associada do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. Pesquisadora do NuAP (Núcleo de Antropologia da Política), ela coordena, com Jorge Mattar Villela, o Hybris (grupo de estudo e pesquisa sobre relações de poder, conflitos, socialidades), que reúne pesquisadores dos programas de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo e da Universidade Federal de São Carlos, entre os quais estão todas as autoras desta coletânea. Suas pesquisas etnográficas realizadas no sertão de Pernambuco e no meio-norte do Mato Grosso exploram relações de solidariedade e conflito envolvendo famílias e coletividades mais estendidas, em especial em seus desdobramentos políticos e econômicos. Além de vários artigos e capítulos de livros, ela é autora de *Intrigas e questões* (2002), resultante de sua tese de doutorado sobre brigas

de famílias em Pernambuco; coautora de *Andarilhos e cangaceiros* (com Felipe Brognolli e Jorge Mattar Villela) e organizadora de *Conflitos, política e relações pessoais* (2007).

Ana Flávia Bádue é professora do departamento de Sociologia e Antropologia do Baruch College, doutoranda em Antropologia Cultural pela City University of New York e mestra em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Trabalha nas áreas de antropologia econômica, desigualdade e estudos rurais.

Catarina Morawska é professora do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (PPGAS/UFSCar) e coordenadora do Laboratório de Experimentações Etnográficas (LE-E). É autora de *Os enleios da tarrafa*, uma etnografia sobre a relação entre agências internacionais de financiamento e organizações populares em Recife e Olinda envolvidas desde a década de 1980 com o Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua. Trabalha nas áreas de antropologia do Estado, antropologia do desenvolvimento e antropologia econômica.

Clarissa de Paula Martins Lima é doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos. Vem desenvolvendo pesquisas nos últimos nove anos no agreste pernambucano com o povo Xukuru do Ororubá. Em sua dissertação de mestrado, explorou a relação entre humanos e objetos na Vila de Cimbres, aldeia em que concentra as suas pesquisas. Atualmente, seu principal tema de trabalho são os seres espirituais que habitam a Terra Indígena e as implicações dessa presença para os que estão vivos.

Daniela Perutti é doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo e pós-doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal Fluminense. É pesquisadora do NuAP e do Hybris. Realizou pesquisa de doutorado sobre família, política e

território em uma comunidade quilombola de Goiás. Tem experiência nas áreas de antropologia da política, antropologia das populações afro-brasileiras, relações familiares e de parentesco.

Fabiana de Andrade é doutora pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP), mestra em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (PPGAS/Unicamp). É integrante do Hybris. Realiza pesquisa na intersecção entre políticas públicas, narrativas femininas e violência doméstica e familiar contra a mulher, inserida nas áreas de antropologia de gênero e antropologia das emoções.

Florbela Ribeiro é mestra em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Trabalha com pesquisas etnográficas ligadas à antropologia da política e antropologia econômica, em comunidade indígena e periferias de grandes capitais.

Natacha Simei Leal é professora do Colegiado de Antropologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf) e coordenadora do Lampda (Laboratório de metodologia, pesquisa e documentação em antropologia). Pesquisadora associada ao Hybris, seu doutorado, de título *Nome aos bois: Zebus e Zebuzeiros em uma pecuária de elite*, foi premiado pela Anpocs no concurso brasileiro Obras Científicas e Teses Universitárias do ano de 2015. Atua na interface entre as áreas de antropologia da política, antropologia da ciência e antropologia rural.

Thais Regina Mantovanelli é doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos com tese intitulada *Os Mebengokre-Xikrin do Bacajá e a usina hidrelétrica de Belo Monte: uma crítica indígena à política dos brancos*. Pesquisadora vinculada ao Hybrys (UFSCar), ao LE-E (UFSCar), desenvolvendo pesquisas nas áreas da etnologia indígena e antropologia política. Atualmente, desenvolve pesquisa de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Antro-

pologia Social da Universidade Federal de São Carlos sobre a composição de práticas narrativas de impacto a partir de dois povos impactados por Belo Monte: os Mëbêngôkre-Xikrin da Terra Indígena Trancheira-Bacajá e os Juruna Yudjá da Volta Grande do Xingu.

Yara de Cássia Alves é mestra pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo e doutoranda do mesmo programa. Realiza atividades de extensão e pesquisa junto a comunidades quilombolas do Vale do Jequitinhonha (MG) desde 2009, com foco nas temáticas ligadas a domesticidade, movimento, maternidade e conhecimento.

SUMÁRIO

Apresentação Marcela Stockler Coelho de Souza	19
Introdução: Alquimias do parentesco Ana Claudia Marques e Natacha Simei Leal	25
Políticas do Território e Territórios da Política em uma família quilombola de Goiás Daniela Carolina Perutti	67
Economia do aperto: Bolsa Família, dinheiro e dívida no dia a dia de mulheres paulistanas Ana Flávia Bádue e Florbela Ribeiro	103
Filhos de Deus, filhos da Santa, sempre parentes, nem sempre família Clarissa de Paula Martins Lima	135
Casas de alvenaria e casa Mëbêngôkre: concepções Xikrin sobre família dos brancos Thaís Mantovanelli	169

Sob a luz e o calor do fogo: A criação entre os moradores de Pinheiro e as interconexões entre casas, famílias e corpos	
Yara Alves	205
Enquadrar narrativas, produzir crimes: Noções de família no fazer policial de uma Delegacia de Defesa da Mulher	
Fabiana de Andrade	233
Movimentos que tecem o mundo: experiências de deslocamentos e práticas de conhecimento entre os habitantes de Pedro Cubas	
Alessandra Regina Santos	271
Das biogenéticas, distinções e inconsistências: A produção de pedigrees em rebanhos zebuínos brasileiros	
Natacha Simei Leal	305
Luto e memória das Mães da Saudade de Peixinhos	
Catarina Morawska	337

SOB A LUZ E O CALOR DO FOGO: A CRIAÇÃO ENTRE OS MORADORES DE PINHEIRO E AS INTERCONEXÕES ENTRE CASAS, FAMÍLIAS E CORPOS⁶¹.

Yara Alves

Introdução

O *tempo das águas*⁶² é tempo de casa cheia, com muita gente em roda do fogão. Essa afirmação é generalizada entre os moradores de Pinheiro, localidade rural, autodenominada quilombola, situada em Minas Novas, Alto do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. O *tempo das águas* é o período em que o cerrado mineiro se transforma com a chegada das chuvas, intensificadas nos finais de ano. As árvores ganham mais folhas, a vegetação se adensa nas estradas, os frutos e as colheitas são mais fartas e, *se o ano for bom, a água se apresenta nos córregos*, permitindo a lavagem de roupas tal como *antigamente* e a diversão das crianças nos *poções* que se formam. Contudo, não apenas a natureza agrega seus elementos à dinâmica dessa época. Esse é o período em que aqueles que *saíram para trabalhar* em outras re-

⁶¹ Este artigo traz reflexões suscitadas em minha pesquisa de mestrado (Alves, 2016), intitulada “A casa raiz e o vôo de suas folhas: Família, Movimento e Casa entre os moradores de Pinheiro - MG”, financiada pelo CNPq e defendida em 2015, no Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo.

⁶² O *itálico* é utilizado nas palavras, conceitos e expressões dos meus interlocutores e da linguagem vigente em Pinheiro, que serão privilegiadas ao longo do texto. As aspas duplas, por sua vez, indicam conceitos derivados da antropologia ou utilizadas por outros autores.

giões do país retornam a Pinheiro, momento em que a localidade também vivencia um maior número de pessoas nas casas, com mais *reuniões*, festas e celebrações. Esse movimento conjunto, da natureza e das pessoas, faz os moradores dali correlacionarem as árvores do cerrado às casas de Pinheiro:

A casa é uma raiz. Você vê que a árvore tem uma raiz, chega uns tempos aí, a folha vai embora, o vento leva. Mas, depois volta novas folhas para aquela raiz. E assim também é a vida do ser humano. A casa é uma raiz. (...) É raiz mesmo, é onde a gente nasceu. (Entrevista com Sr. Geraldo, Pinheiro, 17 de janeiro de 2015)

Equivalente ao movimento dessas árvores – cujas folhas voam em determinado período do ano, sendo substituídas em outro – os movimentos das casas de Pinheiro não são apenas de *saída* dos seus moradores. Os retornos são regulares e demonstram a valorização da presença física na manutenção dos laços com os familiares e com a localidade, denominada de *lugar da gente*. Essas casas se tornam *raízes* porque permanecem, assim como aqueles parentes que não *saem para trabalhar*, basicamente as mães e *donas de casa*. Apesar do crescimento das *saídas* das mulheres nos últimos cinco anos⁶³, a *casa raiz* é basicamente identificada por suas *donas*, que ao longo dos anos, vão imprimindo seus *jeitos e modos* naquele espaço, assim como em seus filhos. A mãe, assim como uma raiz, é aquela que “dá força, que não abandona, que está sempre ali, aquela com quem se pode contar”.

Essa valorização da mãe e de sua casa se dá por meio de um processo de construção da maternidade, que se relaciona com o es-

⁶³ Nos últimos cinco anos, há uma tendência crescente de *saída* das mulheres casadas e com filhos para Barrinha, município do interior de São Paulo, onde se instalam para realização de atividades de cuidado doméstico na cidade polo da região, Ribeirão Preto. Parte dessas mulheres se deslocam com os filhos e *cria menino na cidade*, outra parte deixa os filhos sob cuidados das avós e tias e *cria menino de longe*. A *criação* continua sendo uma função dessas mulheres, que mesmo a distância, se responsabilizam e são responsabilizadas pelos resultados de seu *modo e jeito de criar*.

tabelecimento da mulher no território de Pinheiro, onde vigora um sistema de herança vigente em todo o Vale do Jequitinhonha, chamado *terra no bolo*⁶⁴. Nesse sistema, os *terrenos* são posses familiares, cuja gestão não é jurídica, mas sim determinada pelos ascendentes aos seus descendentes. Aliado a esse sistema, há uma tendência à virilocalidade, ou seja, quase todas as mulheres se mudam para as terras da família do marido após o casamento. Assim, a *casa da mãe* é no *terreno do pai*, que geralmente é composto por outras casas, dos filhos homens do casal. Contudo, é importante salientar que, ao longo dos anos, a casa se torna um domínio da mulher, uma expressão material de seu *jeito e do seu modo*, expressos pela forma de organização, pela disposição dos móveis, por seu nível de asseio, por suas escolhas de ornamentos, mas, principalmente, pela maneira como *cria* seus filhos. É nos ensinamentos diários, nos cuidados cotidianos e na gestão de seus filhos que essas mulheres se tornam mães e *donas de casa*, que vão se imbricando com o espaço doméstico e produzindo pessoas em uma *casa raiz*.

Ao longo do trabalho de campo da pesquisa de mestrado⁶⁵, essas casas foram se revelando locais privilegiados para as famílias de Pinheiro, postos de produção e fabricação de pessoas, locais de *reunião*, o *lugarzinho da gente*, onde se fica à vontade. Diante de um contex-

⁶⁴ Para maior detalhamento sobre o sistema de *terra no bolo*, ver Galizoni (2007). Vale ressaltar que os moradores de Pinheiro, até o momento, não reivindicaram a titulação de suas terras junto ao Incra, mantendo o sistema de gestão familiar dos *terrenos*, como já ocorria. Eles se mobilizaram em torno da identidade quilombola em 2003, quando iniciaram as discussões sobre a temática com o auxílio da ONG Cedefes (Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva). A partir disso, incluíram o termo “quilombola” ao nome da associação local, que os representa juntamente com as outras três localidades que a compõem (Associação Quilombola dos Moradores e Produtores Rurais de Macuco, Mata Dois, Pinheiro e Gravatá – Apromrig), recebendo o reconhecimento da Fundação Cultural Palmares em 2005. Para maiores informações sobre o processo de reconhecimento quilombola de Pinheiro, vide Alves (2016).

⁶⁵ Na pesquisa em questão, as configurações familiares dos moradores de Pinheiro foram analisadas a partir da mobilidade, com o olhar voltado para as casas e as domesticidades. Foram realizados aproximadamente cinco meses de trabalho de campo, em Pinheiro e em Barrinha (município do interior de São Paulo para onde parte dos moradores se desloca). O contato com as pessoas de Pinheiro é anterior à pesquisa de mestrado, desde 2009, tendo sido realizadas atividades de extensão e uma iniciação científica na localidade, quando era graduanda em Ciências Sociais pela PUC-MG.

to de muitas idas e vindas, para realização de atividades de trabalho em outras regiões do país⁶⁶, essas casas são lugares *para onde se volta*, reconhecidas como partes essenciais do *lugar da gente*, que é Pinheiro. A grande maioria daqueles que *saem para trabalhar* retorna no *tempo das águas* e afirma que são *moradores de Pinheiro*, apesar do tempo de permanência *para fora* ser mais prolongado – geralmente permanecem 10 meses de um ano *vajando* e dois meses *em casa* (em Pinheiro). Essas casas continuam sendo os locais de pertença e de referência dessas pessoas em meio aos deslocamentos constantes que fazem, são pontos de parada, o lugar de onde se *lembram*, para onde *voltam*, lugar que verdadeiramente reconhecem como deles.

Em um universo móvel, no qual a existência é refletida como dinâmica, instável e incerta, os *moradores de Pinheiro* afirmam que o “mundo gira, gera e mexe, está tudo mexendo”. O *mundo*, caracterizado como o desconhecido, vasto e indeterminado, é um agente nas vidas e nas casas dessas pessoas (Alves, 2014). Desde que são *colocadas no mundo*, as pessoas e seus parentes devem *entender* que elas devem *ir para o mundo e saber voltar para casa*, pois é nas *andanças pelo mundo* que se *ganha sabedoria*. As mães, que afirmam que os *filhos são a única coisa que têm no mundo*, são estimuladas a compreender e não esquecer que os filhos não lhes pertencem, *os filhos estão e são do mundo*. O raciocínio parece paradoxal: os filhos são uma espécie de patrimônio, algo inalienável, “a única coisa que elas possuem no mundo”, ao mesmo tempo que não são delas, *são do mundo*. Esse aparente paradoxo é uma das

⁶⁶ O Vale do Jequitinhonha é reconhecido pelo intenso processo de deslocamento masculino para atividades de trabalho em outras regiões do país. Politicamente forjado como “Vale da Miséria” ou “Vale da Pobreza”, foi alvo de um processo de modificação das práticas econômicas locais, como apontado por Moura (1988), Amaral (1988), Silva (1999) e Porto (2007). Muitas tendências de deslocamento se desenvolveram ao longo dos anos e atualmente, a maioria dos homens de Pinheiro tem se empregado em usinas de isolamento térmico, que os contratam em Barrinha e os direcionam para empreitadas de aproximadamente três meses, em vários estados do Brasil. Portanto, Barrinha é um *ponto de parada* desses homens, o que motivou a ida de suas mulheres e crianças. Há também homens que trabalham no ramo de construção civil, em Ribeirão Preto, e residem em Barrinha, dada a proximidade e o custo de vida mais acessível. Ainda há homens que trabalham no interior paulista, no corte de cana, que por décadas mobilizou a maioria dos moradores. O corte de cana é uma tendência decrescente, devido à legislação ambiental que incentiva o corte mecanizado e o fim das queimadas nos canaviais.

faces de um jogo complexo, um jogo entre as mães e o *mundo*, que se desenvolve como um dos pilares da *criação*: a aliança aparentemente impossível entre a presença estabilizadora das mães, que constroem *raízes* e a ação do *mundo*, que dispersa como o vento. Ao longo do tempo, por inúmeras vezes, ouvi que “a gente cria filho para o mundo”, uma frase repetida com tanta frequência que parece requerer da força das palavras para não ser esquecida.

Neste artigo, gostaria de discutir como esse jogo vai sendo tecido nessas casas, que interconectam pessoas, configurações familiares, corpos e substâncias, principalmente a partir de suas cozinhas e seus fogões a lenha. Para os moradores de Pinheiro, *o fogão é o esteio da casa*, é ele que *sustenta a casa* e a *família*. O fogão é *esteio* porque “dá base para a criação dos filhos”, é nele que “a comida da gente é produzida”, fazendo a família e os filhos *crescerem*. Porém, gostaria de aprofundar nos detalhes etnográficos que revelam como o fogão é o local de produção de alimentos – criando relações diretas entre *modos* de fazer comida e *modos* de ser pessoa e membro de uma família – e de pessoas, *aquecendo* o sangue e os corpos, fornecendo vitalidade. O que eu quero aqui explorar se refere ao fato que de o fogão não *sustenta a família* apenas com a materialidade da comida, mas como agente na *criação*, que é realizada *em roda do fogão*, e como essa *criação* se relaciona com o *mundo*, que é vivenciado cotidianamente em uma relação porosa com essas casas. A cozinha é esse espaço de produção – de comidas, de conversas, de diferenciações entre famílias – e de *reunião*, o lugar em que se recebem *os de fora* e *os de casa*, onde questões domésticas e públicas são debatidas e discutidas, onde cada casa e a *comunidade* se fazem e refazem, paralelamente. Por fim, gostaria de articular o fogão às dinâmicas de *saída*, conectando os *giros* e *mexidas do mundo* com a permanência das mães e de suas *casas raízes*.

Sob a luz divina: O suspiro da vida e o sangue quente

“No tempo das águas, todos os dias parecem domingo”, como me alertou uma das crianças de Pinheiro. Apesar de todos os dias se-

rem *movimentados*, especialmente aos domingos, as casas ficam *cheias*, com *gente saindo pelas beiradas*. O diferencial dos domingos é notável até mesmo no *tempo da seca*. Esse é o dia que se *tira para visitas*, quando as filhas (que se casam e tendem a se mudar para as terras dos maridos, em localidades vizinhas) visitam as casas das mães, levando suas crianças, assim como outros parentes, vizinhos, compadres, comadres e amigos, sejam de Pinheiro ou da região. Dessa maneira, no *tempo das águas* esses domingos são ainda mais *cheios*, com cozinhas repletas de pessoas, vozes se espalhando pela estrada, carros com placas de cidades variadas, cavalos, burros e motos indicando que há alguma *reunião* em cada casa ou em cada *terreno*⁶⁷. As casas mais movimentadas de Pinheiro são aquelas em que residem as matriarcas de famílias de filhos crescidos, são as *casas antigas* de cada *terreno*, as *casas raízes* por excelência, aquelas onde cresceram os adultos de hoje, onde foram *criados*. Assim, os domingos são dias *preferidos* para os filhos e filhas se *apresentarem* na *casa da mãe*, sempre acompanhados de suas crianças e seus cachorros. “Todos os dias do tempo das águas parecem domingo” porque as casas estão permeadas de circulações – são visitantes que estavam *pra fora*, notícias sobre quem chegou ou está chegando, sobre qual casa oferecerá um churrasco, sobre quais casamentos serão realizados, quais batizados, entre outros eventos.

Foi em um desses dias de tempo das águas que ouvi, da estrada, o movimento⁶⁸ da casa de D. Inês. Eram crianças e adultos reunidos, cujo barulho ultrapassava o córrego de seu terreno. Quando apontei onde era possível ser avistada, ouvi seu grito ressoando pelas montanhas: “Ê diá! Eu tava te esperando!” Os cachorros e crianças foram ao meu encontro, anunciando que alguma atividade coletiva estava acontecendo ali, o que explicava por que as outras casas

⁶⁷ *Terreno* é o espaço delimitado de uma família, onde se encontram as casas dos ascendentes e dos descendentes e seus espaços de plantio e de criação de animais.

⁶⁸ Comerford (2014) tem se dedicado a análise dos movimentos cotidianos de localidades rurais da região do Vale do Jequitinhonha. Segundo o autor, os mapeamentos de quem passa pela estrada, como passa, quando vai e quando volta são fundamentais para uma sociabilidade baseada em uma vigilância informal, que gera narrativas e quadros de referência a partir de deslocamentos triviais.

da família, pelas quais tinha passado pelo caminho, estavam vazias. Por fim, o pequeno Bernardo – o neto mais esperto e falante de D. Inês – veio me encontrar dizendo que a casa da avó estava cheia, era dia de assar,⁶⁹ dia de divertimento.

Aos poucos, fui aprendendo que o melhor momento de visitar as mulheres de Pinheiro é quando elas estão realizando alguma atividade que *reúne* e, assim, propicia o que elas chamam de *divertimento*. *Divertimento* pode ser *assar*, fazer farinha, preparar a carne dos porcos abatidos, *catar pequi*, lavar roupas no Rio Fanado (quando está no *tempo das águas*) e, de maneira menos específica, *criar* os filhos. É instigante como coisas tão diferentes podem todas ser chamadas de *divertimento*, sendo que as atividades *divertidas* são atividades que requerem muito esforço físico e, não raro, como elas mesmas dizem, algum nível de *sofrimento*. No caso da *criação* dos filhos, elas afirmam que esse esforço é emocional, é um contínuo *sofrimento no mundo*, já que as preocupações são cumulativas, nunca estanques. Mas, enfaticamente, é um esforço visto como necessário, pois os filhos, além de *encherem a casa* e possibilitarem *divertimento*, fazem a mulher se tornar *forte*, em um processo interminável de constituição da *força*, que se inicia no parto e vai se consolidando com outros desafios que os filhos trazem.

De maneira geral, o que compreendi sobre o *divertimento* é que, em Pinheiro, tanto *criar* os filhos como todas as outras atividades *divertidas* geram *movimento* e dão vitalidade às pessoas e às suas casas, que se *enchem de alegria*. São possibilidades de *ficar à vontade*, descontrair e coletivizar pontos de vista, compartilhar modos de agir, produzir, *criar* (seja comida, sejam pessoas). São ainda momentos propícios para apresentar discordâncias, que diante do *divertimento* são mais aceitáveis e discutíveis. Portanto, o *divertimento* se relaciona, em larga medida, com a *reunião*. Meus interlocutores são unânimes ao afirmar que

⁶⁹ *Assar* é a atividade de produzir *quitandas* (biscoitos de polvilho, bolos, pães, biscoitos de araruta, principalmente). Esses produtos são assados em *foros de assar* de cerâmica, construídos pelos moradores no *terreiro* da casa, próximo à saída da cozinha. Geralmente, os moradores de cada casa *assam* uma vez por semana, armazenando *quitandas* até o próximo *dia de assar*.

reunir pessoas é uma das maiores qualidades de uma casa, que deve ser *alegre* e trazer alegria aos que ali vivem e a visitam.

E, naquela tarde de *tempo das águas*, em dezembro de 2014, a alegria estava estampada no rosto de Bernardo, que me encontrava sorrindo, mas também se espalhava pela estrada, repleta do som de muita conversa e muitos risos, vindos da cozinha de D. Inês. Quando cheguei até lá, ela me recebeu avisando que aquele era um dia *preferido*, suas filhas tinham vindo das localidades em que residem, juntamente com seus netos e todos se *reuniam em roda do fogão*.

Assentei-me ali, em *roda do fogão*, e comentei com Dina, a mãe de Bernardo, que ele tinha me encontrado na estrada, em uma agilidade admirável. Rindo, todas as mulheres que povoavam a cozinha me perguntaram, quase em coro, se eu não percebia que Bernardo era *diferente*. Eu, meio sem jeito, sem imaginar que um comentário tão banal pudesse criar tanto *falatório*, disse que ele era um menino muito esperto, mas queria entender o que o *fazia diferente*. Dina discorreu por alguns minutos sobre as habilidades de Bernardo, falante e inteligente, esperto e rápido, “lembra de tudo”. Querendo me dar provas, me fez rememorar o momento em que eu acompanhei a aplicação de um questionário em sua casa e Bernardo se mostrou como aquele que sabia detalhadamente informações precisas de todos os moradores do domicílio (como data de nascimento, se possuíam primeira ou segunda via de determinados documentos, até qual série tinham cursado). “Ele sabe mais que eu”, dizia Dina.

Após essa explanação, D. Inês me perguntou se eu sabia por que Bernardo era assim. Eu, sem entender o raciocínio que elas elaboravam, disse que não, mas queria saber. “Ele é o único de Dina que nasceu em casa”. A partir de então, elas se juntaram todas, a comentar sobre a gravidez de Dina e riram muito sobre como enganaram Alberto, marido dela, para que ele não a levasse para a *cidade*. “Quando Dina sentiu as dores, ela ficou caladinha”, gritou Madalena, que acendia o forno. “Tia Maria de Teodoro já estava esperando”, me alertou Clara, preparando a massa do pão. “A mentira quando é pro bem não traz problema”, argumentou D. Inês, diante de uma bacia de ovos que

trazia da despensa. E naquele tumulto de falas, risos, brincadeiras, eu ia tentando estabelecer um fio condutor das informações e perguntar sobre como os partos eram realizados, porque elas teciam estratégias para não ir ao hospital, e o que o parto *em casa* trazia para a criança.

Foi neste entrecortado de falas que todas elas foram me explicando aspectos cruciais desse momento de perigo, usando o exemplo de Bernardo, última criança de Pinheiro que nasceu *em casa*. Quando Dina disse ao marido que não daria tempo de chegar à cidade, sua tia Maria de Teodoro já estava de prontidão. Ela chegou e deu um *meio banho de ervas quentes* em Dina, ou seja, um banho destinado à parte inferior do corpo – da cintura para baixo – com ervas específicas, principalmente com hortelã e mentruz. Segundo elas, esse banho é fundamental para *esquentar o sangue*, que não pode estar *frio* no momento do parto. Ele auxilia a expelir a criança e faz com que a temperatura do sangue da mãe e do bebê se mantenha aquecida. Após esse banho, Dina e as demais mulheres se recolheram no quarto e, quando Bernardo saiu do seu corpo, sua tia acendeu uma lamparina, com o fogo do fogão a lenha. No fogo da lamparina é aquecido um garfo, com o qual o umbigo é cortado e amarrado. A luz acesa da lamparina é apresentada ao bebê pela parteira e chamada de *luz de Deus ou luz divina*, é pelo *suspiro* que ela emana que o bebê ganha o *suspiro da vida*. A *luz divina* deve ser apresentada a uma pessoa em dois momentos: quando ela nasce e quando ela morre, anunciando que o *suspiro da vida* foi iniciado e finalizado. “Se a pessoa chega com a luz, ela também deve partir com ela”, me explicou D. Inês, aludindo⁷⁰ a um caminho que a pessoa segue em vida e outro para o qual ela deve se encaminhar após a morte. Ambos os caminhos precisam ser iluminados pela luz que vem do fogão a lenha.

A apresentação da *luz divina* ao bebê é outra maneira de *dar à luz*, termo que expressa duas ações distintas, uma agenciada pela mãe e outra pela parteira. Quem apresenta a *luz divina* ao bebê se torna

⁷⁰ O verbo “aludir” expressa aqui a dificuldade que tive em campo para acessar informações sobre o espírito e a alma das pessoas. Essas questões são pouco verbalizadas e não disponho de material aprofundado sobre os desdobramentos da temática.

sua *avó de umbigo*. Distintamente do médico, a *avó de umbigo* estabelece uma relação de parceria com a mãe da criança, há uma cooperação bilateral. Se a *avó de umbigo* nem sempre mantém relações de sangue com o bebê (e em grande maioria, já que o trabalho de parteiras contratadas era utilizado até a última década), o fato de ela lhe dar *a luz divina* lhe confere um termo de parentesco e prerrogativas de tratamento e cuidado tais quais as destinadas a uma avó de sangue. Espera-se que o bebê a reconheça e que seja *unido a ela para o resto da vida*. Ele deve a sua *avó de umbigo* todo respeito, deve pedir-lhe *a benção*, visitá-la e até presentear-lá. Em partos mais complicados ela pode se tornar madrinha da criança, replicando a relação em outro vínculo que requer a *união* de ambos. O fato dela ser chamada de *avó* e não de *mãe*⁷¹, como em outros contextos brasileiros, também reforça a relação entre as duas mulheres: a parteira é *como se fosse uma mãe* para a parturiente, não a abandonando, lhe dando *força*, cuidando de seu corpo e de sua saúde. A avó possui a prerrogativa da maternidade por excelência, pois “quem é avó é mãe duas vezes”, expressando os princípios maternos em todas suas ações. Por outro lado, mesmo que sendo um aspecto terminológico, chamar a parteira de *mãe* poderia ser considerado um problema entre as pessoas de Pinheiro, pois a parteira dá *assistência* à mãe, mas não pode ser *comparada* a ela por não ter *sufrido as dores*. O *sofrimento e a dor do parto* conferem um vínculo indissociável entre a mãe biológica e a criança, um vínculo que, mesmo que não se conjugue à criação, deverá ser lembrado, pois “toda pessoa tem que saber e tem que aprender a respeitar quem lhe colocou no mundo”, mesmo que não a tenha *criado*.

Os cuidados⁷² da *avó de umbigo* são voltados para o bebê e

⁷¹ Agradeço aos comentários valiosos dos participantes do Nansi, Núcleo de Antropologia Simétrica do Museu Nacional – UFRJ, sobre as implicações do uso do termo “avó” em detrimento do uso do termo “mãe”, distintamente de outros contextos etnográficos brasileiros.

⁷² É interessante observar o que Losonczy (1989) afirma sobre a importância daquela que corta o umbigo da criança, a “comandrona”, nos partos das localidades negras colombianas. Segundo a autora, é a “comandrona” quem permite a inserção da criança na “comunidade”, pois a mãe não pode exercer essa função, sob o perigo de não dar a independência necessária ao filho no decorrer de sua vida. Apesar do corte do cor-

para a mãe, que recebe uma série de intervenções para protegê-la de doenças e dos perigos que o parto propicia. Os dois necessitam de práticas protetivas, pois seus corpos ficam vulneráveis, *abertos a forças* variadas que podem *desequilibrá-los*. Assim, o umbigo e a cabeça, partes cruciais na abertura do corpo, são cobertos e pressionados, estabelecendo o *equilíbrio* corporal pós-parto. Para tanto, *ervas quentes* são utilizadas para fazer um *unguento* com alho, rapé, *folhas quentes* e azeite, o qual cobre o umbigo da mãe e da criança. No caso do bebê, coloca-se ainda uma *picumã*, espécie de resíduo que se acumula no teto da cozinha pela fuligem produzida pela fumaça do fogão a lenha. A *picumã* é reconhecida na região por suas propriedades cicatrizantes e no pós-parto auxilia na cicatrização rápida do umbigo, que *cai* no terceiro dia de vida da criança. Acrescido a isso, o unguento é revestido por um *olho de flecha*, que é um pendão da mandioca brava, que serve para sustentação do umbigo, que é preso ao corpo da criança com uma cinta de pano. Tanto a mãe quanto o bebê precisam ter seus umbigos bem pressionados, *bem fechados*, tal qual a *moleira*, que também é um ponto de abertura do corpo, sendo alvo de forças negativas. Ambos, umbigo e *moleira*, são revestidos com *cintas*, produzidas com panos brancos pelas mães, quando estão grávidas.

No caso da mãe, o unguento não se relaciona com a *cura do umbigo*, mas é importante para realocar a *dona do corpo ou a mãe do corpo*, que é um outro ser, existente próximo ao útero, que se desloca no momento do parto e se concentra em forma circular, em torno do umbigo⁷³. A *mãe do corpo ou dona do corpo* só existe no

dão pela mãe não ser um tabu em Pinheiro, havendo casos extraordinários de ausência da parteira em que a mãe se encarregou dessa função, a ação de *colocar no mundo* está diretamente relacionada com a condição de *criar os filhos para o mundo*, da necessidade de compreenderem que eles precisam interagir com o *mundo*, apesar do desejo de que fiquem próximos.

⁷³ Macedo (2007) analisou o que os índios Tupinambás da Serra, da Bahia, compreendem por “dona do corpo”. Como em Pinheiro, as mulheres Tupinambás não possuem um consenso sobre onde a “dona do corpo” se encontra, dentro ou próxima ao útero, ou se é o próprio útero. Há variações entre as falas, mas todas são enfáticas ao atrelar a *dona do corpo* ao *equilíbrio* e à *força* da mulher. Ela é identificada como *uma bola*, mas distintamen-

corpo das mulheres⁷⁴ e se materializa como uma *bola em roda do umbigo*, após o parto. Caso ela não seja devidamente pressionada, pode ficar *solta, perambulando* pelo corpo da mulher, que pode morrer com uma dor incontrollável. Minhas interlocutoras são enfáticas ao afirmar em que ela é “muito perigosa”, é ela que permite que a mulher seja *forte para aguentar* a dor do parto, e o ofício de ser mãe. Portanto, ela precisa *voltar ao seu lugar* e compreender que não existe mais nem criança, nem umbigo e nem *companheiro do umbigo*, que é a placenta. Ela precisa retornar para reestabelecer o *equilíbrio* da mulher.

Os cuidados com os corpos das mães e dos bebês seguem por um mês após o parto, período de *resguardo*, em que as *cintas* continuam revestindo as moleiras e ambos os umbigos, juntamente com o unguento de azeite, alho, rapé e *folhas quentes*. Nos três primeiros dias, o *terreiro* não pode ser varrido e nem o fogo do fogão assoprado, pois o espalhar da poeira e da fumaça podem *espalhar a sorte* da criança. Nos primeiros sete dias, a *luz divina* continua acesa no quarto da mãe, na lamparina, e não pode ser apagada, pois são dias em que a vida ainda está se *firmando* e a morte é uma possibilidade. O sétimo dia é considerado decisivo: muitas crianças já faleceram quando completam uma semana de vida. Nesse dia, a criança não pode sair do quarto, é um dia de perigo, um dia de passagem, em que a continuidade da vida está em questão. Portanto, a presença da *luz divina* é fundamental para iluminar o caminho da criança nesses primeiros dias de vida, para imbricá-la com a sua casa, sua vida e ao fogo de sua casa.

Além disso, a placenta é devidamente enterrada debaixo da cama da mãe, onde a criança *veio ao mundo*. O umbigo, quando cicatrizado e *caído*, deve ser muito bem guardado e depois, enterrado.

te das mulheres Tupinambá, para as moradoras de Pinheiro essa *bola* não possui pernas, apesar de sua capacidade de andar pelo corpo.

⁷⁴ Nota-se aqui uma distinção quanto aos dados etnográficos referentes à pesquisa de Sauma (2009; 2013) com os Filhos do Erepecuru, no Pará. Para eles, a “mãe do corpo” existe tanto em corpos femininos quanto masculinos, porém, as mulheres e crianças são mais suscetíveis aos problemas decorrentes de sua “saída do lugar”.

Não há um tempo determinado para que se enterre o umbigo da criança. Podem passar anos, décadas e pode ser enterrado quando o filho começa a apresentar *problemas de criação*, o que muitas vezes corresponde à fase de adolescência, na qual o filho “fica malcriado, respondão, esquece da mãe, sai muito de casa”. Mesmo que o umbigo não seja enterrado, um dos papéis mais importantes de uma mãe é guardá-lo *bem guardado*, geralmente em um pote de vidro, bem vedado. O medo de que um rato coma o umbigo da criança é generalizado. Todas as mulheres de cujos partos ouvi falar têm verdadeiro pavor dessa possibilidade. Uma pessoa que tem seu umbigo comido por um rato torna-se parecido com ele, um *ladrão*. Quando a mãe sente que é o momento de enterrar o umbigo do filho, ela o deve fazer na porta da casa de algum animal que ela *cria* em seu *terreno*, como no curral, no galinheiro ou no chiqueiro, para *chamar sorte* e para a pessoa ser *boa de criação*, ser boa *para ser criada* e para *criar* animais e outras pessoas, ou seja, os membros futuros de sua família. Esse enterro requer uma habilidade impecável da mãe, que deve ser muito cuidadosa com essa ação, pois, se os bichos que ali vivem conseguirem desenterrar o umbigo, a pessoa pode desenvolver habilidades animais, perdendo em humanidade. Assim, pode *ciscar de lugar em lugar, sem rumo*, como uma galinha, ser pouco higiênica como um porco, ou ser *abrutalhada* como um boi ou vaca. Elas falam que quando uma pessoa é *errada ou atrapalhada* podem ser assim por um descuido da mãe, por uma falta de habilidade no enterro do umbigo ou na conservação do mesmo.

Essas são algumas das características pessoais que podem ser resultantes do pós-parto, mas não as únicas e nem as mais perigosas. O maior receio das mulheres de Pinheiro é de que seus filhos tenham sangue frio. “Uma pessoa de sangue frio faz cálculo, é capaz de tudo”. Distintamente das pessoas de *sangue quente*, elas não são *calorosas* e podem se *esquecer da família*. Uma pessoa *fria* é imprevisível, pode ser *covarde*, sem emoção. Para que o sangue da criança e da mãe fique *quente* no parto e no pós-parto, práticas como o *meio banho de folhas quentes* que antecede o parto, a manutenção do *unquen-*

to durante o *resguardo*, a limitação de banhos e uma dieta de sopas, chás e pratos *quentes* formam um conjunto de aquecimento do corpo e do sangue. Assim, a mãe só pode tomar *meios banhos* a partir do décimo quinto dia e banhos completos após o mês de *resguardo*, sob o perigo de *esfriar o corpo e o sangue* e transmitir esse *frio* à criança.

Todos esses detalhes não me foram concedidos apenas com a narrativa do caso do parto de Bernardo: são resultado de inúmeras conversas com mulheres distintas e com D. Maria de Rosa, a parteira que fez a maioria dos partos realizados em Pinheiro e região nas últimas seis décadas, a “avó de umbigo de meio mundo”, como é reconhecida. O que chama atenção no caso de Bernardo é ele ser a última criança a ter nascido dessa forma em Pinheiro. Ele tem hoje oito anos. O fato de ele ter *nascido em casa* foi por conta da resistência de sua mãe, pois, nos últimos 20 anos, a maioria dos partos é realizada no hospital da zona urbana de Minas Novas. Isso se relaciona com o discurso proferido pelas agentes de saúde que visitam mensalmente as casas de Pinheiro e que propagam normativas dos governos estadual e federal, que possuem metas a serem cumpridas no que se refere a taxas de nascimentos em hospitais, vacinas e atendimentos às mães, como o pré-natal. Os protocolos nacionais e internacionais de saúde entram em choque com mulheres que se frustram com partos *frios*, em *lugares frios* (os hospitais) e sem nenhuma parceria entre médico e mãe. O médico jamais ganha um termo de parentesco e pelo contrário, é visualizado como um inimigo pelas mães que fazem partos nos hospitais. Ouvi vários relatos de mulheres que foram ridicularizadas por solicitarem que uma luz fosse acesa quando o umbigo do bebê fosse cortado, ou pelo fato de protegerem seus umbigos e moleira após o parto. “São coisas de gente da roça”, dizem os profissionais da saúde, que impedem as práticas nos corpos das mulheres e de seus bebês.

Apesar de essas narrativas ficarem no passado, cujo marco é materializado na figura de Bernardo, as mulheres foram aprendendo que dentro dos hospitais elas não devem se expressar como querem, mas que em casa são elas que decidem como cuidar e *criar* seus bebês. Assim, ao chegarem em casa, cuidam do umbigo das crianças

com *picumã*, *unguento*, *olho de flecha e cinta* e o guardam para enterrarem devidamente, sem que seja comido por ratos. Elas chegam do hospital e revestem seus umbigos com *unguento*, pressionando a *mãe/dona do corpo* para que ela *volte ao seu lugar*. Tomam uma série de cuidados no mês de *resguardo*, como a reclusão da criança no quarto no sétimo dia, e a preferência por uma alimentação com sopas e comidas *quentes*. Segundo as mulheres mais velhas, muito da forma antiga de *resguardo* não é mais praticado, como a proibição dos banhos e a própria *cura do umbigo*, que nem sempre é realizada como *antigamente*. Com a ida para os hospitais, há mulheres que desacreditam do que as mães e avós falam e seguem os protocolos médicos, deixando o umbigo *destampado*, sem *unguento* e tomando banhos *frios* à revelia.

Apesar do tom nostálgico dessas falas, essas *mulheres antigas* não pensam que seus netos estejam se tornando *frios* ou que não haja outra solução para esses corpos e para suas famílias. O que as mulheres mais velhas falam sobre o desafio de ser mãe, *criadora*, é que os filhos devem crescer *em roda do fogão*. Tal como os pães, que ficam ali, *quentando*, as crianças também devem ficar ao entorno do fogão, seja correndo, brincando ou *rastando* (quando bebês), mas elas devem crescer em contato com o fogo, com seu *suspiro*. Diante da possibilidade de se tornarem “outro”, imposta pelo choque de regimes de conhecimento que interferem diretamente em seus saberes e corpos, essas mães criam estratégias para lidarem com o *mundo*.

Nesse jogo de forças entre o *mundo* e as mães, essas casas não são fechadas para o exterior; pelo contrário, são porosas. Ele é um agente nessas casas e nessas famílias, que reconhecem as variadas formas de encontro com o desconhecido, não delimitado, vasto e poderoso *mundo*. A *criação* é fundamentada na existência desse agente, que em algum momento vai atravessar a vida dessas pessoas, seja para levá-las a outros lugares, para expô-las a outros costumes, para modificar seus pontos de vista ou até mesmo seus corpos e personalidades. A mãe tem a prerrogativa de ensinar cada filho a *lidar com o*

mundo e a prova de que ela se esforçou nesse ensinamento e de que seus filhos estiveram dispostos a aprendê-lo é a *reunião em roda do fogão* daqueles que foram e voltaram. As *casas cheias nos tempos das águas* materializam mais do que encontros, mas mães e *donas de casa* que conseguiram *lidar com o mundo*.

Em roda do fogão: A criação, a convivialidade e a comida da gente

Se o fogão a lenha fornecia o *suspiro da vida* por meio da *luz divina*, ele continua sendo o agente principal na construção de corpos de *sangue quente*, que crescem *em roda do fogão*. A reunião daqueles que *sairam pelo mundo* e que retornam para a *casa da mãe* se relaciona com essa prática de fazer da cozinha o espaço privilegiado da vida familiar, para dentro e para fora da casa, agregando as *visitas*, *passantes* e outros familiares que, mesmo não residindo naquelas casas, circulam cotidianamente em suas cozinhas.

Em Pinheiro, as casas são interligadas umas às outras, principalmente as de um mesmo *terreno*, de maneira semelhante ao que Marcelin (1996) encontrou no Recôncavo Baiano. As pessoas circulam entre as casas dos parentes e vizinhos, em movimentos diários e em atividades dispersas, em suas casas e em outras. Voltando ao exemplo de Bernardo, ele tem o fogão da casa da mãe como uma referência inicial em sua vida, porém, o fogão e a casa de sua avó, D. Inês, não deixa, de ter importância central no seu cotidiano e em sua *criação*. É na casa da avó que ele se *reúne* com os primos e tias, que se *alegra* com o *dia de assar*, que fica um bom tempo *quentando* com os primos ao lado do forno, enquanto as *fornadas de quitandas* são postas e retiradas pelas tias e pela mãe. É para a casa da avó que ele se direciona quando a mãe vai para a *cidade*, é lá que ele acompanha o tio em reparos e limpeza da moto da família, entre outras práticas cotidianas. Algo próximo acontece na casa de suas tias e vizinhos *mais chegados*.

Em Pinheiro, a convivialidade é um fator constituinte na produção de parentesco, mesmo que não seja praticada diariamente

por todos aqueles que se denominam como *moradores*. As famílias geralmente se *reúnem no tempo das águas*, quando aqueles que *saíram para trabalhar* retornam depois de aproximadamente 10 meses de ausência física. Apesar disso, essas casas continuam sendo o lugar para onde se retorna, e uma vez em Pinheiro, essas pessoas reafirmam seus laços de *união*, comem juntos a *comida da gente*, ficam *quentando* no fogão e no *forno de assar*. Contudo, arrisco afirmar que ela não é o fator mais decisivo nessa construção de parentesco e de família. O processo de *criação*, a produção de pessoa por meio de ensinamentos variados é a principal aposta dessas mães e familiares na constituição de vínculos duradouros. Não desprezo que a comensalidade, tal como em outros contextos, pode modificar a constituição do corpo, do sangue e até mesmo do parentesco, como analisado por Carsten (1995; 1997). A autora analisou como as referências biológicas não os únicos determinantes do parentesco e explorou a importância da comensalidade, que produz parentesco em um processo que se funda no fato de viver e comer junto. Contudo, o que está em jogo entre os *moradores de Pinheiro* é a possibilidade de viver de uma outra forma por se *esquecer* do que lhes foi ensinado, por não retornarem ao *lugar da gente*, mas também deixarem de praticar as características que marcam e demarcam seus *modos e jeitos* familiares.

O que opera nesse processo é um trabalho de aprendizado sobre essas casas e sobre aquilo que elas expressam, sobre o que foi criado *em roda do fogão* e que pode ser transportado para outros lugares e revivido quando retornam para Pinheiro. *Ser bom de criação* é ser *bem criado* e *saber criar*, principalmente os filhos. Saber ensinar e transmitir é uma das características mais estimadas pelos moradores de Pinheiro, que dizem que “a vida é vivendo e aprendendo”. E esse processo de conhecimento ou *de sabedoria* inicia na cozinha, nas pequenas lições sobre alimentos que são produzidos no quintal ou nos *campos*, na discussão sobre as receitas, no julgamento sobre alimentos que combinam ou não. Assim, *saber ensinar* quando uma abóbora está *enxuta* ou não, quando uma cenoura foi colhida antes ou depois

de seu ponto de maturação correto, de qual pé vem o pequi⁷⁵ que está sendo servido, ou frisar que o bolo de mandioca só fica bom se for feito com rapadura derretida, são lições a serem passadas aos filhos com toda responsabilidade que requerem. Segundo minhas interlocutoras, para uma mãe *a maior vergonha* é ver um filho sendo questionado “Sua mãe não te ensinou isso não?” Essa frase foi repetida por várias mulheres, receosas do fracasso de um filho *mal criado* e da culpa que recai sobre elas, processo de responsabilização semelhante ao descrito por Arco Neto (2017), relativo às mães de Perus, periferia paulistana. Na criação das meninas, esses ensinamentos ganham ainda outra carga de responsabilidade, pois é preciso que sejam educadas para serem mães. Desde muito cedo, uma menina precisa observar como sua mãe cuida da casa, das plantas, dos animais e até mesmo dela e dos irmãos, pois é preciso aprender não só os *modos e jeitos* familiares, mas o cuidado com os filhos, o ofício de *sofrer nesse mundo*, sendo mãe.⁷⁶

Todos esses ensinamentos são potencializados com maior facilidade quando essas mulheres estão em Pinheiro. Até 2010, todas as *mães de família* permaneciam em Pinheiro, enquanto seus maridos *saíam para trabalhar* em outras regiões do país, principalmente no corte da cana, no interior de São Paulo. A partir de então, elas começaram a *sair* para Barrinha, onde se instalam em imóveis alugados e se deslocam diariamente para Ribeirão Preto, para realização de atividades de cuidado doméstico. Algumas delas levam suas crianças e outras as deixam com a mãe ou a sogra, o que gera muito falatório

⁷⁵ Os pés de pequi dos *campos* de Pinheiro recebem nomes, que são conhecidos por todos que residem ali. Esses nomes foram dados há pelo menos sete décadas, tempo de vida dos moradores mais antigos, que não sabem informar quando eles iniciaram a produção de frutos (são árvores nativas) e foram nomeados. Assim, conhecer as características dos frutos de cada pé e reconhecê-los é um indício que se tem *sabedoria do lugar* e que foi *bem criado, bem ensinado*.

⁷⁶ É inegável que na *criação* há divisões de gênero: meninos têm ensinamentos distintos de meninas. Em Pinheiro, as clássicas divisões de papéis femininos e masculinos operam no cotidiano, como um ideal almejado. Contudo, reitero aqui que dimensões ligadas ao feminino e ao masculino nem sempre estão ligadas ao sexo biológico e elas são ativadas em contextos e situações que são necessárias, como o fato, por exemplo, das mulheres assumirem tarefas entendidas como masculinas na ausência dos esposos.

em Pinheiro: “será que vão dar conta de criar os meninos na cidade? Como vão trabalhar e cuidar de tudo de casa?” “Como vão viver sem um fogão a lenha?” “Como pode criança crescer comendo comida de mercado?” E sobre as crianças que ficam os comentários são em torno da necessidade da criança *crescer perto da mãe*, por mais que tenham outros *criadores* com ela. “Como pode o menino crescer longe da mãe?”

Acompanhar esse momento de debate foi fundamental para as questões acerca da *criação* se tornarem mais compreensíveis. Enquanto o *fatalório* tomou parte das casas, as mães se defendiam de maneiras variadas. Divididas entre aquelas que levavam seus filhos e que arcavam com as consequências de *criar menino na cidade* e aquelas que deixavam suas crianças com as avós e lidavam com outro tipo de cotidiano, marcado pela *criação de longe*, ambas argumentavam que “ser mãe é sofrer neste mundo”. Esse *sofrimento* só existe porque são capazes de *aguentar*⁷⁷, possuem uma *força feminina*, derivada da *dona do corpo*. Somente as mulheres conseguem lidar com todas as dificuldades de criar cotidianamente um filho, pois elas podem transmitir *equilíbrio* a eles, característica almejada em uma pessoa. Ser *equilibrado* é saber dos seus limites, principalmente em relação aos outros. A mãe deve *passar* esse *equilíbrio* ao filho, porque “uma pessoa desequilibrada não sabe viver, não se vira com as próprias pernas, não tem medida na convivência”.

Quando realizei trabalho de campo em Barrinha, para onde as moradoras se deslocam, observei que a *criação* dos filhos era o mote da existência dessas mães. O desafio de *criar* os filhos *longe do lugar da gente* ou de *criar os filhos de longe* gerava debates intermináveis, entre elas ou ao telefone, que pareciam diminuir os 1.100 km entre Pinheiro e Barrinha. Em detrimento da distância, o que ficava mais

⁷⁷ Belaunde (2006) apresenta um argumento semelhante a partir de dados sobre indígenas amazônicos. Segundo a autora, o gênero se relaciona com as diferenças de verter sangue entre homens e mulheres. Para ambos, verter sangue é sempre uma possibilidade de trocar de pele/corpo. No caso das mulheres, o sangue vertido no parto propicia uma capacidade de “aguentar”, de lidar com o sofrimento, o que tem a ver com uma relação feminina com o sangue e o parto.

evidente eram os modos de ser e modos de fazer comida de cada família, que se replicavam cotidianamente em Barrinha. Assim, escolhas como a quantidade de açúcar no café ou a decisão de usar ou não o liquidificador para a receita de *acarajé de milho verde* seguem os modos familiares de produzir a comida e não são banais, mas escolhas que podem falar de personalidades e de moralidades. Em consonância com os dados etnográficos de Cerqueira (2010), em Píneiro (e para além de suas delimitações geográficas), os modos de comer e fazer comida são grandes divisores entre casas e famílias e eles se deslocam com suas moradoras. Ao *criar* os filhos longe do *lugar da gente*, se esforçam para manter práticas e divisões que sejam importantes na constituição de seus filhos.

Essa necessidade de manter o *modo e o jeito* da família, mesmo quando se *cria menino na cidade*, se relaciona com a possibilidade de uma criança mudar de *raça*. Estando em Barrinha, em outro estado brasileiro, as crianças podem crescer sem saber que são *mineiros de pé rachado* e se tornarem da *raça dos paulistas*, uma *raça fria, desapegada*. Em cada estado brasileiro que conhecem e em cada pessoa nativa nativa desses lugares eles analisam as características dessas outras *raças*, como a *raça dos pernambucanos*, a *raça dos cariocas*, a *raça dos baianos*, a *raça dos paranaenses*, a *raça dos maranhenses*, dentre outros. De maneira geral, guardadas as diferenças de cada *raça*, “toda gente de outra *raça* é uma gente gozada”. E no caso dos que vão para Barrinha, as mudanças no sotaque e na higiene são os principais indicadores de uma possível mudança de *raça*. As crianças seriam as mais propensas a se tornarem de outra *raça*, por ainda estarem se formando, sendo *ensinadas*. Contudo, eles não dispensam a possibilidade dos adultos também se tornarem de outra *raça*, o que é altamente ridicularizado, podendo gerar uma quebra e ruptura nas relações com os demais parentes. Essa ruptura é entendida como uma forma de crítica a essa mudança de *raça*, que é o *esquecimento do seu lugar*. Quando a pessoa *esquece do seu lugar*, *esquece de onde veio*, publiciza uma postura de afastamento, uma negação não apenas de sua origem, mas também daquilo que lhe foi *ensinado*.

Portanto, essas práticas criam mais do que pessoa, produzem *modos e jeitos*, que apesar das individualidades e singularidades existentes, são mobilizados para o entendimento do que caracteriza e demarca uma família, assim como uma casa. Esse trabalho diário de construção de *modos e jeitos* é um trabalho feminino, sustentado pelo domínio dessas mulheres nessas casas e principalmente nessas cozinhas. Se, à primeira vista, olhássemos para essas casas como propriedades masculinas, em um sistema virilocal, estaríamos obscurecendo o processo de produção de uma *casa raiz* que é reconhecidamente a *casa de mãe*. A mulher que chega em Pinheiro, como quase uma estrangeira nas terras do marido, constrói sua existência de mulher, mãe e *dona de casa*, imprimindo seu *jeito e seu modo* no ambiente doméstico e nos filhos, trabalho que constrói pessoa e família. Ela consegue de fato se colocar como alguém com prerrogativas independentes por meio do processo de criação dos filhos. Apenas o casamento ou mudança para as terras do marido não lhe dá autonomia para expressar suas características distintivas, seus *modos e jeitos familiares*. Assim, uma abordagem jurídica e patrimonial em nada nos ajudaria a compreender como essas casas são espaços de domínio feminino, apesar de se situarem em um patrimônio masculino, mas também não nos permitiria observar como a *criação* produz o desenvolvimento das crianças, mas também de suas mães. Uma mulher, em Pinheiro, só se torna adulta de fato quando se torna *mãe e dona de casa*. Enquanto *dona*, ela governa, administra, controla e *equilibra* o lar, ela fornece as condições de existência desse cotidiano e desse modo de vida, que sem sua permanência e cuidado estariam a mercê dos *giros e mexidas* constantes do *mundo*, a circulações que poderiam desprezar retornos ou estabelecer outros tipos de relação com o *lugar da gente*. Assim, mais do que seu próprio espaço doméstico, essas mães e *donas de casa* constroem possibilidades comunitárias de retornos e estabelecimento de vínculos com a terra da família e com a localidade, mobilizam estratégias ao longo da *criação* que fazem os filhos se reconhecerem como constituintes de uma família, com seus *jeitos e modos*, e também de um *lugar, o lugar de onde veio, o lugar da gente*.

Considerações Finais

Ao longo do texto, tentei trazer elementos etnográficos para demonstrar como se dá o jogo de forças entre a permanência e a saída das pessoas de Pinheiro, que são *criadas para o mundo* por mães que permanecem, que se tornam raízes, juntamente com suas casas. O *mundo*, que a todo tempo atravessa o cotidiano, é um agente indissociável na *criação* e na construção de cada pessoa, numa fabricação social que não dispensa os *giros e mexidas*, pois “a vida nunca está do mesmo jeito”.

O *mundo* é um agente poderoso, com que as mães precisam *aprender a lidar*. Contudo, esse agente, que à primeira vista parece indomável, incontrolável e independente, também possui um *dono*. Para os *moradores de Pinheiro*, o *sol* é o *dono do mundo*. Todo o poder do *mundo* está submetido à regência do calor do sol. É o calor que rege e controla a dispersão constante do *mundo*, é a *força do sol* que limita a circulação dos corpos, a saúde e a *força* das pessoas, que devem manter uma relação *equilibrada* com esse astro.

O *sol* é o *dono do mundo* porque o governa. Não há movimento que não seja estacionado pelo calor potente do sol. Não há agente externo e desconhecido que não tenha que se enquadrar na dinâmica de proteção ao poder do sol, *que pode até matar*. Quando não se respeita o sol, ele pode invadir o corpo humano e se alojar dentro da cabeça. A pessoa com *sol na cabeça*, fica *desequilibrada*, perde a capacidade de ponderar e sente muitas dores, cansaço, indisposição. Por isso, as mães estão sempre vigiando a exposição dos filhos ao sol, evitando um contato excessivo e em horários do dia que são ainda mais perigosos, como o *sol de meio-dia*.

As orações mais poderosas, para salvar animais de doenças graves, por exemplo, são feitas *no olho do sol*. Respeitando a direção do rio e dos córregos e os horários adequados, o benzedor profere palavras olhando para o centro do sol, que emana uma energia de cura. Da mesma forma como essa energia pode salvar e revigorar, ela também pode matar. O horário invertido, assim como a posição

contrária ao curso do rio e dos córregos, pode levar a morte. Assim, essas são as benzeções mais poderosas, as mais *fortes*.

O calor do sol pode ser agradável, tornar os dias mais animados e felizes, mas também limita as circulações, subordina as pessoas e governa o *mundo*, que aparentemente parece incontrollável. É por meio do calor que as dinâmicas mais intensas são controladas, por essa ação de aquecimento que fornece a margem de tantas instabilidades. Assim como o sol, outra fonte de calor, o fogão a lenha, interfere diretamente nos movimentos dessas pessoas. Ele fornece o *suspiro da vida* e, mesmo sem as práticas *antigas* de parto, ele continua sendo um agente na criação das pessoas, que se *reúnem em roda do fogão* e que comem da *comida da gente*, produzida a partir do modo de cozinhar de cada casa. O fogão *é o esteio da casa e sustenta a família*, fator determinante para que os filhos *saíam para o mundo e voltem para a casa da mãe*, reconhecendo o *lugar da gente*. Da mesma maneira, o fogo *sustenta* a casa em suas estruturas físicas, fabricando a fumaça que protege os esteios de madeira do telhado. Os corpos, o sangue e as casas prescindem do calor do fogo, pois todos eles devem ser *quentes, calorosos*, qualidades fundamentais para serem *alegres*.

Quando cheguei a Pinheiro no *tempo das águas*, revi parte das mulheres com as quais convivi em Barrinha e unanimemente elas me diziam que estavam *quentando* suas casas, que ficaram *frias* enquanto *viajavam*. Era preciso deixar o fogão aceso, *quentar* a casa e seus corpos. *A casa sem fogo aceso envelhece*, ouvi repetidas vezes. E ao visitar casas que *envelheceram*, percebi que eu não estava diante de uma simples metáfora. As casas sem a proteção da fumaça⁷⁸ prove-

⁷⁸ Slenes (2011) explorou, por meio de uma pesquisa com documentos históricos, os usos práticos e simbólicos do fogo e da fumaça nas habitações dos escravos do sudeste brasileiro, principalmente do oeste paulista. Além de verificar a importância do fogo aceso para a manutenção térmica, conservação do telhado e iluminação das senzalas, ele encontrou correlações entre práticas culturais da África Central, de onde grande parte deles eram provenientes. Assim, analisou a relação do fogo com as linhagens, seu uso em cerimônias políticas de troca de líderes políticos, e na proteção cotidiana da casa e das pessoas do universo mágico-espiritual. Por meio de uma série de casos, demonstrou que o fogo e a fumaça seriam os símbolos por excelência de uma continuidade cultural africana, citando, por exemplo, o transporte do fogo doméstico pelos navios negreiros para a permanência das linhagens em território brasileiro, ou o costume dos escravos

niente do fogão à lenha recebem a ação destrutiva dos cupins, que em pouco tempo destroem os telhados de madeira, tendendo ao desabamento. Portanto, além dos elementos simbólicos do fogo, como o fornecimento da *luz divina*, e de ser um agente na criação das pessoas – que *crecem em roda do fogão* – o fogo é condição básica para a existência de uma casa, que sem ele *esfria, envelhece* e desfragmenta. Da mesma maneira, um período prolongado sem *quentar* no fogão pode conduzir a uma mudança de *raça*, quando a pessoa *esquece do seu lugar*.

Esse imbricamento entre corpos e casas se aproxima do que Carsten; Hugh-Jones (1995) afirmam sobre o entrelaçamento de domínios nas casas, que mesclam arquitetura, corpos, ideias, sem oferecer condições de separação entre estes. Esse olhar etnográfico sobre as casas de Pinheiro me apontou interligações até então não estabelecidas entre as famílias: o sangue, a convivialidade, as personalidades. São espaços que expressam um “self”, que desenvolvem os *modos e jeitos* de uma mulher, mãe, *dona de casa*. Essas casas, que podem ser entendidas como domínios privados, não podem ser tomadas apenas por essa face. A casa como local de produção política de famílias e como espaço de construção de pessoas e moralidades é renegada em grande parte da produção antropológica, que por muito se deteve ao caráter público e jural das famílias, que na maioria das vezes, foram protagonizadas pelos homens, “pais de família”.

O que tentei demonstrar aqui é que as mulheres são *criadoras* por excelência, elas criam os filhos – *de longe, na cidade* ou em Pinheiro – e com eles *criam* a família, propiciando ainda a existência do *lugar da gente*. Não quero aqui negligenciar os homens, mas meu olhar se detém nas domesticidades e é fato inegável que essa é uma esfera de domínio feminino em Pinheiro. Os homens também cons-

de acenderem um tição de fogo diante de um morto, para que ele pudesse fazer uma boa travessia espiritual. Não quero aqui aludir uma relação direta entre os quilombolas de Pinheiro com as dimensões mágico-políticas da África Central, mas apontar para a existência de um outro contexto em que o fogo exerce centralidade nos rituais e na vida das pessoas.

troem uma relação fundamental para o crescimento dos filhos, mas o foco nas relações das mulheres com seus filhos me permitiu observar que são elas que detêm o mérito ou demérito por não terem *ensinado* algo ao filho, e também por sua *sorte*, que está atrelada à proteção do umbigo, manipulado pela mãe. Além disso, elas carregam a *força* que vem de uma *dona do corpo*, fundamental para *aguentar o sofrimento* de ser mãe, sofrimento que não é visto como depreciativo, mas como meio de demonstração dessa *força*.

Na etnografia de Sauma (2013), sangue e coletividade se cruzam, o “sangue coletivo” é controlado pela “mãe do corpo”, que se sustenta pelo conhecimento sobre território e pelo pensamento. Segundo a autora, é a mãe que permite a união dentro da casa e dentro da “comunidade”. Em Pinheiro, *a casa de mãe*, mesmo sendo construída no *terreno* paterno, é reconhecida pela presença e permanência da mulher, mãe, *dona de casa*. Essa casa é centro de *reunião* e de transmissão de determinados conhecimentos, não apenas sobre a família, mas também sobre *o lugar da gente*. A mãe é a responsável por mover parte das relações familiares, sendo aquela de quem se *lembra muito*, cuja casa é *para onde se volta*. Em meio a tantos deslocamentos, é por meio das costuras femininas que Pinheiro continua sendo um ponto de referência e de densidade nas redes de circulação e de desejo dessas pessoas. A casa construída ali, cuidada por parentes na ausência dos donos, e a casa onde se cresceu, movem parte considerável das economias adquiridas, mas faz com que Pinheiro seja entendido como moradia, mesmo quando se está longe, na *frieza* de outras cidades.

Referências bibliográficas

ALVES, Y. de C. *A casa raiz e o voo de suas folhas: família, movimento e casa entre os moradores de Pinnheiro-MG*. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Universidade de São Paulo, 2016.

_____. Como etnografar um *mundo* em que *tudo gira, gera e mexe?* III Seminário de Antropologia da UFSCar. São Carlos, 2014.

AMARAL, L. *Do Jequitinhonha aos canaviais: em busca do paraíso mineiro*. v. 1. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, 1988.

ARCO NETO, N. D. B. *A educação vem de casa: família e escola na periferia de São Paulo*. Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Universidade de São Paulo, 2017.

BELAUNDE, L. E. A força dos pensamentos, o fedor do sangue. Hematologia e gênero na Amazônia. *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, v. 49, n. 1, 2006, p. 205-243.

CARSTEN, J.; HUGH-JONES, S. Introduction. In: *About the House: Lévi-Strauss and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

CARSTEN, J. The substance of kinship and the heat of the hearth: feeding, personhood, and relatedness among Malays in Pulau Langkawi. *American Ethnologist*, v. 22, n. 2, 1995, p. 223-241.

_____. *The heat of the hearth. Process of kinship in a Malay fishing community*. Oxford: Clarendon Press, 1997.

CERQUEIRA, A. C. *O “povo” parente dos Buracos: mexida de prosa e cozinha no cerrado mineiro*. Tese de Doutorado em Antropologia Social apresentada no Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro: MN-UFRJ, 2010.

COMERFORD, J. C. Vigiar e narrar. Sobre formas de observação, narração e julgamento de movimentações. *Revista de Antropologia (USP. Impresso)*, v. 57, 2014, p. 107-142.

GALIZONI, F. M. *A terra construída*. Família, trabalho e ambiente no Alto Jequitinhonha, Minas Gerais. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007.

LOSONCZY, A. Del ombligo a la comunidad. Ritos de nacimiento en la cultura negra del litoral pacífico colombiano. *Revindi*, 1/1989, p. 49-54.

MACEDO, U. *A “dona do corpo”*: um olhar sobre a reprodução entre os Tupinambá da Serra-BA. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.

MARCELIN, L. H. *L’Invention de la famille afro-américaine: famille, parenté et domesticité parmi les noirs du Recôncavo da Bahia, Brésil*. Tese de Doutorado em Antropologia Social apresentada no Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro: MN-UFRJ, 1996.

MOURA, M. M. *Os deserdados da terra: a lógica costumeira e judicial dos processos de expulsão e invasão da terra camponesa no sertão de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

PORTO, L. *A ameaça do outro*. Magia e religiosidade no Vale do Jequitinhonha/MG. São Paulo: Attar (Apoio: CNPQ/ Pronex), 2007.

SAUMA, J. F. Ser coletivo, escolher individual. Território, medo e família nos rios Erepecurú e Cuminã. *33º Encontro Anual da Anpocs*. Caxambu, 2009.

_____. *The deep and the Erepecuru: tracing transgressions in an Amazonian Quilombola Territory*. (Thesis). London. University College London, 2013.

SLENES, R. *Na senzala, uma flor*. Esperanças e recordações na formação da família escrava. Local: Editora Unicamp, 2011.

SILVA, M. A. M. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.